

COMPARAÇÃO DO PERFIL DOS JOVENS DIANTE DA ESCOLHA ENTRE TRABALHAR E ESTUDAR: UMA ANÁLISE PARA OS ANOS 2019 E 2023

COMPARISON OF THE PROFILE OF YOUNG PEOPLE FACING THE CHOICE BETWEEN WORKING AND STUDYING: AN ANALYSIS FOR THE YEARS 2019 AND 2023

Junior Vieira de Oliveira¹

Fernanda Mendes Bezerra²

Rosângela Maria Pontili³

RESUMO

Entre os anos de 2019 e 2023, vivenciou-se um período, o qual ficou marcado para toda uma geração, conhecido como os anos da Pandemia de COVID-19. Dentre suas consequências, destacam-se os impactos sentidos na economia, em especial no Mercado de Trabalho. Com isso, a pesquisa busca analisar o perfil de jovens brasileiros de 18 a 29 anos, não chefes de família, nos anos de 2019 e 2023, mediante a escolha entre trabalhar e estudar, e suas possíveis combinações. Para atingir tal propósito, aplicou-se a técnica de análise por tabulação cruzada. A qual informou que as variáveis relacionadas à localização, região e cor do jovem são importantes fatores que contribuem para que estes não assumam o comportamento nem-nem. Ainda, aponta para modificações na estrutura familiar do domicílio em que esse jovem residia entre o período inicial e o final.

Palavras-chaves: Jovem; Mercado de Trabalho; Tabulação Cruzada; Pandemia.

ABSTRACT

Between the years 2019 and 2023, a period unfolded that left a lasting mark on an entire generation, known as the years of the COVID-19 Pandemic. Among its consequences, the economic impacts, particularly on the labor market, stand out. In this context, this research aims to analyze the socioeconomic profile of Brazilian youth aged 18 to 29 who are not household heads in the years 2019 and 2023, focusing on their choice between working and studying, as well as possible combinations of both. To achieve this objective, the cross-tabulation analysis technique was applied. The results indicate that variables related to location, region, and the individual's race are important factors contributing to whether they avoid adopting the NEET (Not in Education, Employment, or Training) status. Additionally, the study highlights changes in the household family structure in which these young individuals resided between the initial and final periods.

Keywords: Youth; Labor Market; Cross-Tabulation; Pandemic.

¹ Mestre em Economia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

² Doutora em Economia pela PIMES – UFPE, Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

³ Doutora em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela UNIOESTE, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

1. INTRODUÇÃO

A escolha profissional, para os jovens, é um processo complexo, uma vez que pode reverberar por toda a sua vida. Esse fenômeno de “adentramento”, fixação e estabilização no mercado de trabalho é fundamental diante das condições que os levam assumir a responsabilidade de exercer uma atividade econômica. A ocorrência de fatores inconsistentes ou escolhas precoces podem resultar em estagnação a longo prazo (NEPOMUCENO E WITTER, 2010). Dessarte, a decisão profissional se torna importante, pois moldará não somente a carreira profissional do jovem como também o bem-estar capturado por esse indivíduo (PAULINO; DUTRA-THOMÉ; BENDASSOLLI, 2021).

É certo que o mercado de trabalho apresentou mudanças após a ascensão do neoliberalismo na década de 1990, fatos como a flexibilização, a precarização e a redução dos postos de trabalho associados à diminuição das jornadas e dos salários provocaram alterações profundas na relação entre trabalho e indivíduo. Contudo, deve-se considerar o trabalho como um substrato civilizatório na organização da sociedade. Dessa forma, transformações sociais não afetam apenas as condições de trabalho, mas também causam grandes alterações em sua estrutura sociocultural (DIERDORFF; MORGENSON, 2007).

A partir do entendimento do complexo psicossocial do trabalho, torna-se importante notar quais são os fatores que influenciam o processo decisório de escolha profissional do jovem. Esses fatores são influenciados pelo sistema político, social e pela realidade vivenciada pelo indivíduo (FREITAS, 2024). Sendo a juventude a fase em que a maioria das pessoas fazem escolhas de vida, as quais terão ramificações duradouras.

Em um cenário de adversidades enfrentadas por esses indivíduos, e em um contexto de mudança de paradigma da função do trabalho, o desemprego e as inconsistentes formas de ocupação (trabalho informal, subemprego e terceirização) apresentam uma evolução gradativa (KREIN, 2018). Todas essas condições representam uma quebra estrutural no mercado de trabalho e afetam diretamente todas as esferas da vida domiciliar (ALMEIDA; FIGUEIREDO, 2024).

O processo de precarização das relações trabalhistas continuou a se intensificar com a reforma trabalhista ocorrida no ano de 2017. Esse processo de deterioração do trabalho se torna constitucional, apelando ao oferecimento de trabalhos de jornadas intermitentes e sem nenhum tipo de proteção social (CARVALHO *et al.*, 2022), refletindo em um aumento do número de postos de trabalho informais.

O perecimento do sistema de proteção social e trabalhista do Estado brasileiro teve sua alomorfia completa após a chegada da pandemia de SARS-CoV-2, denominada de Covid-19, nos anos de 2019 a 2023. “A pandemia da COVID-19, representou um choque profundo sobre a economia mundial, cujo alcance e consequências ainda são difíceis de vislumbrar” (LEVY, 2020, p. 1), levando o mundo a experimentar uma grave recessão econômica, apreciada por muitos pesquisadores como sendo maior até mesmo que a Crise de 2008 (AUGUSTO; SANTOS, 2020; SOUZA, 2020; LANZARA, 2023, CARVALHO, 2023).

Assim, destaca-se o contraste entre as expectativas familiares marcadas pela realidade vivenciada, frequentemente envolvendo sacrifícios e escolhas. Os jovens e as famílias precisam decidir entre a necessidade presente imposta pela crise e o investimento na qualificação do jovem. Essa escolha impulsiona-o ao mercado de trabalho para garantir a sobrevivência do núcleo familiar (SUIRON, 2016). A família é um dos principais componentes que influenciam a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Notavelmente, ela pode desempenhar um papel crucial ao oferecer apoio e encorajamento para que seus jovens quebrem o ciclo intergeracional imposto por seus antecessores (WICKERT, 2006; ARNETT, 2023).

Com isso, torna-se interessante analisar a relação dos jovens com o mercado de trabalho durante o período demarcado pela pandemia de COVID-19. Assim, busca-se inovar nessa pesquisa a partir da população em análise, sendo esta composta pelos jovens de 18 a 29 anos de idade não chefes de domicílio, localizando-se num período de transição para vida adulta ao passo que ainda não detêm o *status* de independência. Ou seja, aqueles que ainda moram com seus pais ou algum responsável. Corrobora Madeira (2006) a descrição de que, contudo, o limite etário elevado na literatura e nas pesquisas estatísticas domiciliares é 25 anos, no entanto, ensaios e estudos contemporâneos, e até mesmo o Estatuto Brasileiro da Juventude, consideram, como indivíduo jovem, aqueles localizados entre 15 e 29 anos de idade.

Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar o perfil de jovens brasileiros de 18 a 29 anos não chefes de família, nos anos de 2019 e 2023, mediante a escolha entre trabalhar e estudar, e suas possíveis combinações. Para atingir tal finalidade, optou-se pelo uso do método de tabulação cruzada a partir de microdados coletados pela PNADC (Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio Contínua), de modo a comparar a escolha do jovem entre trabalho e estudo (estuda e trabalha, não estuda e trabalha, estuda e não trabalha e nem estuda e nem trabalha) com algumas variáveis socioeconômicas e independentes, como sexo, situação censitária, região geográfica, nível de instrução e rendimento médio domiciliar *per capita* do trabalho.

2. METODOLOGIA E BASE DE DADOS

Em vias de justificativa quanto aos métodos aqui utilizados, este artigo repousa na utilização do método indutivo, que, ao lançar a análise por meio de observações de dados específicos, pode alcançar um modelo de conclusão de uso geral. O objeto de estudo das pesquisas se refere a jovens – em especial àqueles entre 18 e 29 anos de idade – fazendo parte ou não da população ocupada no Brasil, no período de 2019 e 2023. Apresenta-se a seguir os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa que permitem, por sua vez, atingir o cumprimento dos objetivos indicados nesta pesquisa.

2.1 MÉTODO DE ANÁLISE DESCRITIVA

A metodologia adotada foi a estatística descritiva, com foco em descrever o comportamento das variáveis selecionadas e como elas influenciam o grupo de jovens adultos de 18 a 29 anos na decisão entre trabalho e estudo, incluindo suas combinações e a renda média. As variáveis principais são a decisão entre trabalho e estudo e a renda média.

As médias da variável dependente (estudo/trabalho) foram cruzadas com as características socioeconômicas dos jovens com idade entre 18 e 29 anos. A análise por estatística descritiva oferece ferramentas úteis que permitem visualizar de forma clara e objetiva as informações que os dados contêm, são elas: gráficos, tabelas, medidas de síntese, médias e porcentagens (HOFFMANN, 2016). O Quadro 1 apresenta um resumo das variáveis escolhidas para a análise.

QUADRO 1 – VARIÁVEIS PARA ANÁLISE DE CONDIÇÕES DE TRABALHO E ESTUDO.

Médias Dependentes	Médias das características socioeconômicas
Estudo / Trabalho (Estuda e Trabalha Só Estuda Só Trabalha Nem Estuda e Nem Trabalha)	Sexo
	Região
	Tipo de Residência
	Nível de Instrução
	Rendimento Domiciliar do Trabalho <i>per capita</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Na tabulação cruzada, os dados são dispostos em subgrupos, o que torna possível visualizar como as diferentes variáveis independentes interagem com a variável dependente fixada (ALKIRE *et al.*, 2015). A partir do uso deste método, é possível chegar a conclusões delineadas sem que haja a urgência da utilização de análises estatísticas sofisticadas.

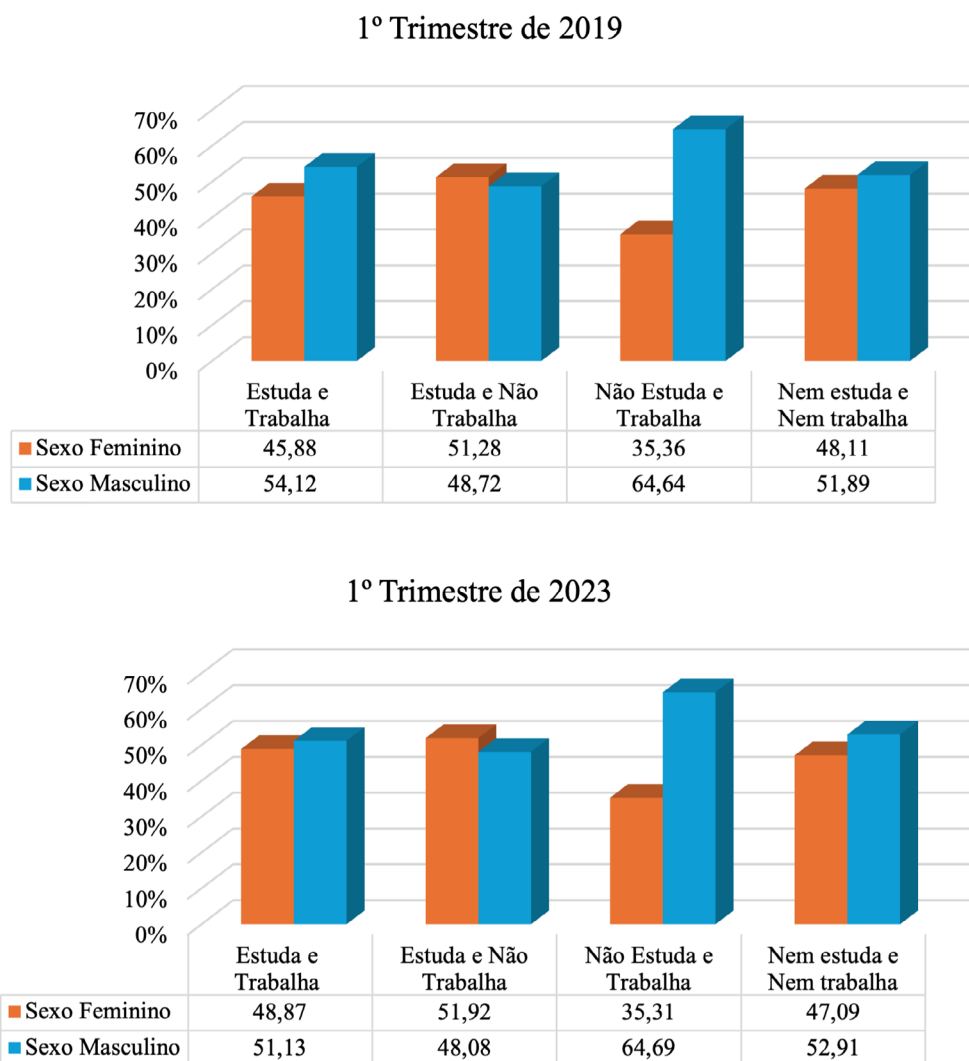
Essa metodologia ancora-se em estudos anteriores, como de Nunes e Almeida (2016), que permitiram perceber a relação entre variáveis consideradas chaves em um processo de escolha e as que de alguma forma exercem influência quando combinadas com elas. A análise será realizada com softwares estatísticos, como Excel e *Stata for windows*, usando tabelas como ferramenta de visualização de dados.

A amostra computada nesta pesquisa se baseou na PNAD contínua referente aos primeiros trimestres de 2019 e 2023. Sendo realizadas as seguintes depurações: considerou-se apenas os jovens não chefe de domicílios no Brasil, com idade entre 18 e 29 anos. Para a ponderação do banco de dados, foi usada a variável PESO FINAL, a qual permite identificar o fator de expansão (peso) calibrado a partir das estimativas populacionais (PINHEIRO, 2022).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na Figura 1, é mostrada a relação entre a variável Trabalha-Estuda e o sexo dos jovens de 18 a 29 anos no Brasil. Nota-se que, nos primeiros trimestres de 2019 e 2023, os homens apresentavam maior participação nas categorias que refletiam a sua participação no mercado de trabalho. Esse resultado pode indicar que o custo de oportunidade de estudar para os homens é maior do que para as mulheres, o que pode ser confirmado em vários estudos sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro (DETOGNI e BEZERRA, 2025; CASTRO, STADUTO e KRETER, 2022; PASSOS e MACHADO, 2022). Por outro lado, o comportamento das mulheres jovens indicou uma maior incidência nas categorias que enfatizam o aspecto educacional sendo colocado como uma tendência geral para elas (IBGE, 2022).

FIGURA 1 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS DE 18 A 29 ANOS POR SEXO – BRASIL – 1º TRIMESTRE DE 2019 E 2023.



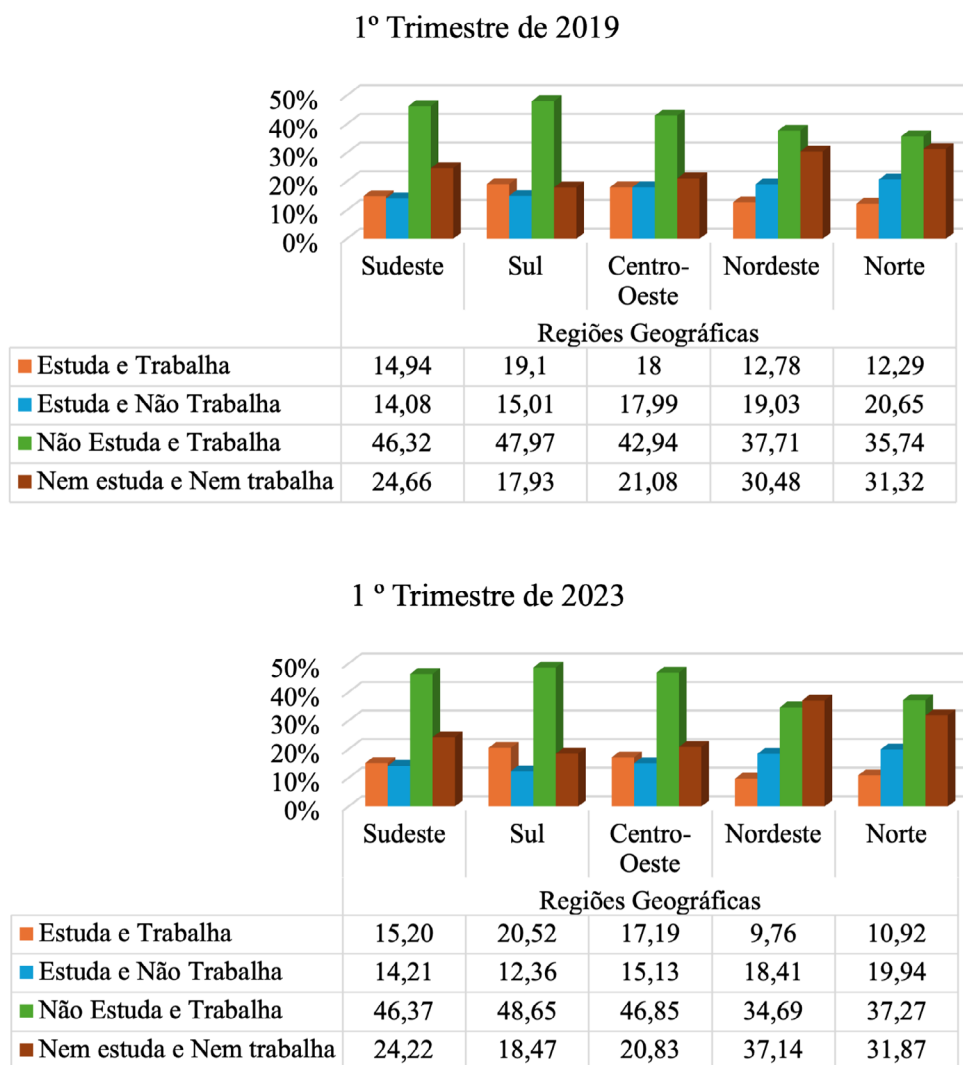
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

A diferença na distribuição de jovens do sexo feminino e do sexo masculino nas categorias elencadas, perante a possibilidade de trabalho e estudo, pode ser fruto de questões estruturais contemporâneas, como por exemplo, a maternidade. Elder e Kring (2016) afirmam que, entre casais jovens, a opção de ter filhos fortalece a concepção de que os homens jovens devem buscar trabalho, enquanto essa ação tem um efeito oposto entre as mulheres jovens, verificando que menos de uma em cada duas jovens mães trabalham, enquanto para os jovens pais a relação é superior a quatro em cada cinco jovens.

Analisando a Figura 2, pode-se observar que o Brasil é marcado por profundas desigualdades regionais, que afetam de forma diferenciada sua população jovem, em especial quando se trata do acesso à educação e ao mercado de trabalho, conforme apontado por FARO e FERRARINI (2021). Diante disso, e ao observar a Figura 2, pode-se notar que durante os dois períodos analisados, foram revelados padrões que reforçam as desigualdades estruturais entre as regiões brasileiras. Essa dinâmica distinta é observada na taxa de jovens que conciliavam trabalho e estudo; enquanto o Sul e o Sudeste viram avanços na conciliação entre estudo e trabalho, o Nordeste enfrentou um cenário oposto: a taxa reduziu de 12,78% para 9,76% no mesmo período – a queda mais drástica entre todas as regiões.

Para a categoria Estuda e Não trabalha, todas as regiões apresentam um cenário de queda, ou ainda, os jovens estão reduzindo seu tempo dedicado aos estudos. Se considerarmos válida a teoria do capital humano⁴, que - resumidamente - diz que a renda é diretamente proporcional à escolaridade adquirida, é possível vislumbrar dificuldades futuras relacionadas à ascensão profissional dos jovens, em todas as regiões do Brasil.

FIGURA 2 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS POR REGIÕES GEOGRÁFICAS – BRASIL – 1º TRIMESTRE DE 2019 E 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Na categoria “não estuda e trabalha”, o Centro-Oeste apresenta notoriedade na evolução de seus valores, os quais saltaram de 42,94% para 46,85% em 2023, tal cenário pode ser reflexo da base produtiva da região – o agronegócio –, que absorve grande parte do contingente regional de jovens. No Nordeste, a queda de 37,71%, em 2019, para 34,69%, em 2023, é reflexo do desemprego estrutural enfrentado por grande parte de seus jovens, excluídos até mesmo do mercado informal (CABRAL, 2021). Enquanto para as regiões Sul e Sudeste, seus números resgatam estabilidade, com suas médias para a categoria em torno dos 46%, esse movimento pode indicar um cenário de estagnação econômica durante o intervalo. Esses

⁴ Para mais informações sobre a Teoria do Capital Humano, ver Schultz (1961).

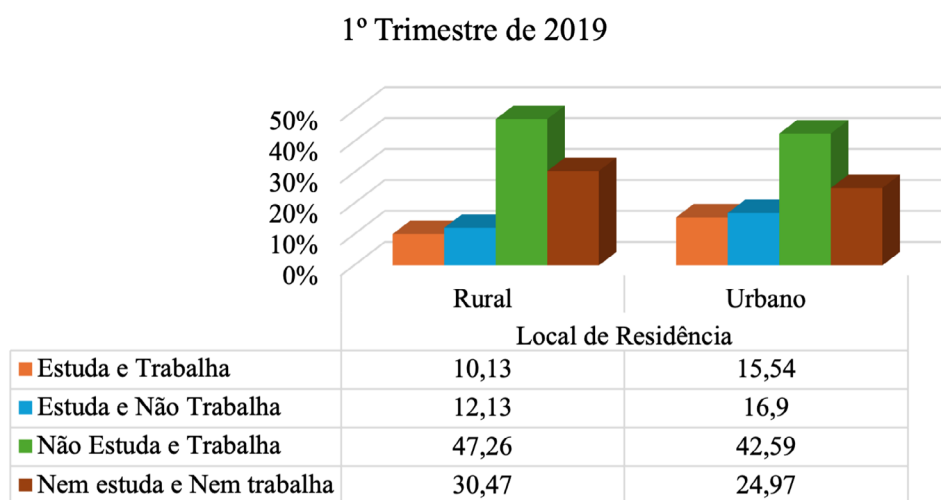
resultados reforçam a preocupação com a ascensão econômica desses jovens que focam suas vidas em trabalhar e abandonam os estudos.

Enfim analisando a categoria mais preocupante, “Nem Estuda e Nem Trabalha”, pode-se observar que, enquanto os estados das regiões Sul e Sudeste indicaram um movimento imperceptível, o Nordeste tornou-se a região com maior proporção de jovens inativos, ou seja, que não estudavam e não trabalhavam, com o índice disparando entre os períodos, indo de 30,48%, em 2019, para 37,14%, em 2023. Conforme Pereira e Queiroz (2023), a ascensão dessa categoria na região Nordeste revela sua vulnerabilidade no que tange ao acesso ao mercado de trabalho e à escolaridade, os quais foram impulsionados pela crise econômica em decorrência da pandemia de COVID-19 e insuficiência de políticas públicas direcionadas a essa parcela da população.

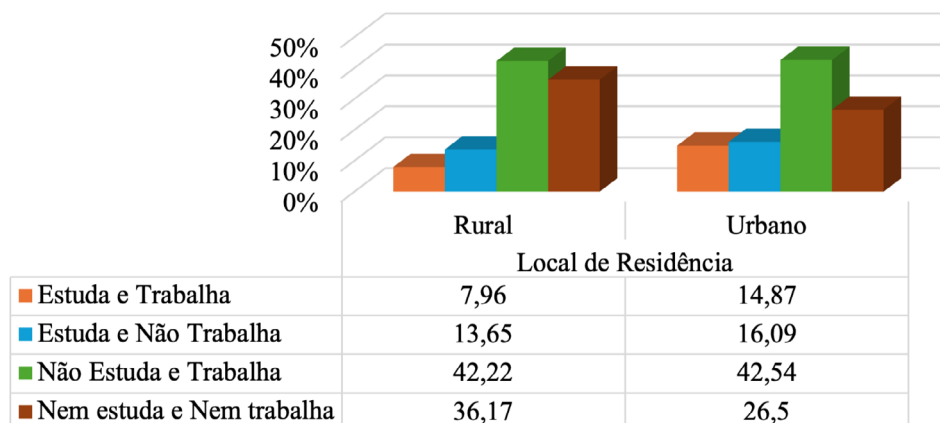
Com base na Figura 3, pode-se observar algumas mudanças na distribuição de jovens brasileiros de 18 a 29 anos em áreas rurais e centros urbanos. Ao analisar a composição daqueles localizados em áreas rurais, percebe-se que, em sua maior parte, condicionam-se exclusivamente à categoria de trabalho, ou seja, “não estuda, mas trabalha”. Apesar de ter apresentado uma redução em seus valores, seu indicador permaneceu elevado quando comparado com as demais categorias; assim, o primeiro trimestre de 2019 concentrou 47,26% do contingente de jovens localizados no campo, e o período seguinte, 42,22%. Lima; Pereira e Sarinho (2023) reforçam que, diante da formulação de novas possibilidades para a continuidade das atividades educativas, órgãos internacionais, como a ONU (Organização das Nações Unidas), diagnosticaram a adoção do ensino remoto como alternativa em meio à necessidade de isolamento, contudo, essas medidas ignoraram a pluralidade e diversidade, do ponto de vista espacial, na qual estes jovens residiam.

A opção de priorizar o trabalho frente à decisão de trabalhar ou estudar, é, em muitos dos casos, produto da própria lógica de organização familiar; assim, é um fator de réplica e perpetuação do modo da unidade doméstica em que o jovem está inserido (ALMEIDA, 2005; VIEIRA, 2017). Destaque, a proporção de jovens que vivem no campo que não estudavam e não trabalhavam, bem como seu aumento entre os períodos, indo de 30,47% para 36,17%. Moreira e Leão (2024) atribuem em parte o fenômeno da redução dos postos de trabalho no campo, e por conseguinte a desocupação desses jovens, às transformações incorridas por processos de aumento da concentração fundiária e mecanização agrícola.

FIGURA 3 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS POR SITUAÇÃO CENSITÁRIA – BRASIL – 1º TRIMESTRE DE 2019 E 2023.



1º Trimestre de 2023



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Em relação aos jovens que habitavam em regiões urbanas, é perceptível que os jovens que apenas trabalhavam mantiveram-se constantes em torno de 42%. O quadro dos jovens fora da escola e do mercado de trabalho é semelhante aos dos jovens da área rural, apresentando um aumento no período analisado. Esse cenário pode-se revelar como um reflexo tanto das características socioeconômicas das famílias quanto do próprio retrato institucional do país durante o período compreendido (MARTINS, 2021).

Segundo Dias *et al.* (2023), os jovens do meio urbano apresentam maiores chances de estarem em situação de desalento quando comparados com os jovens do meio rural. Os mais afetados são aqueles provenientes da massa trabalhadora urbana de classe média baixa e trabalhadores populares sem remuneração fixa. Nesse sentido, corrobora Conjuve (2020) ao desdobrar-se em torno das consequências do impacto da pandemia sobre os jovens, vislumbrou um processo de alargamento do contingente de jovens que abandonaram os estudos já na fase inicial de contenção da doença.

Em síntese, a elevação no grupo dos chamados nem-nem situados em ambas as situações censitárias, urbano e rural nesse período pode ser atribuída aos impactos da Covid-19 e seus desdobramentos, atuando de forma mais severa em jovens de áreas rurais e na classe trabalhadora mais empobrecida (AINA *et al.*, 2021).

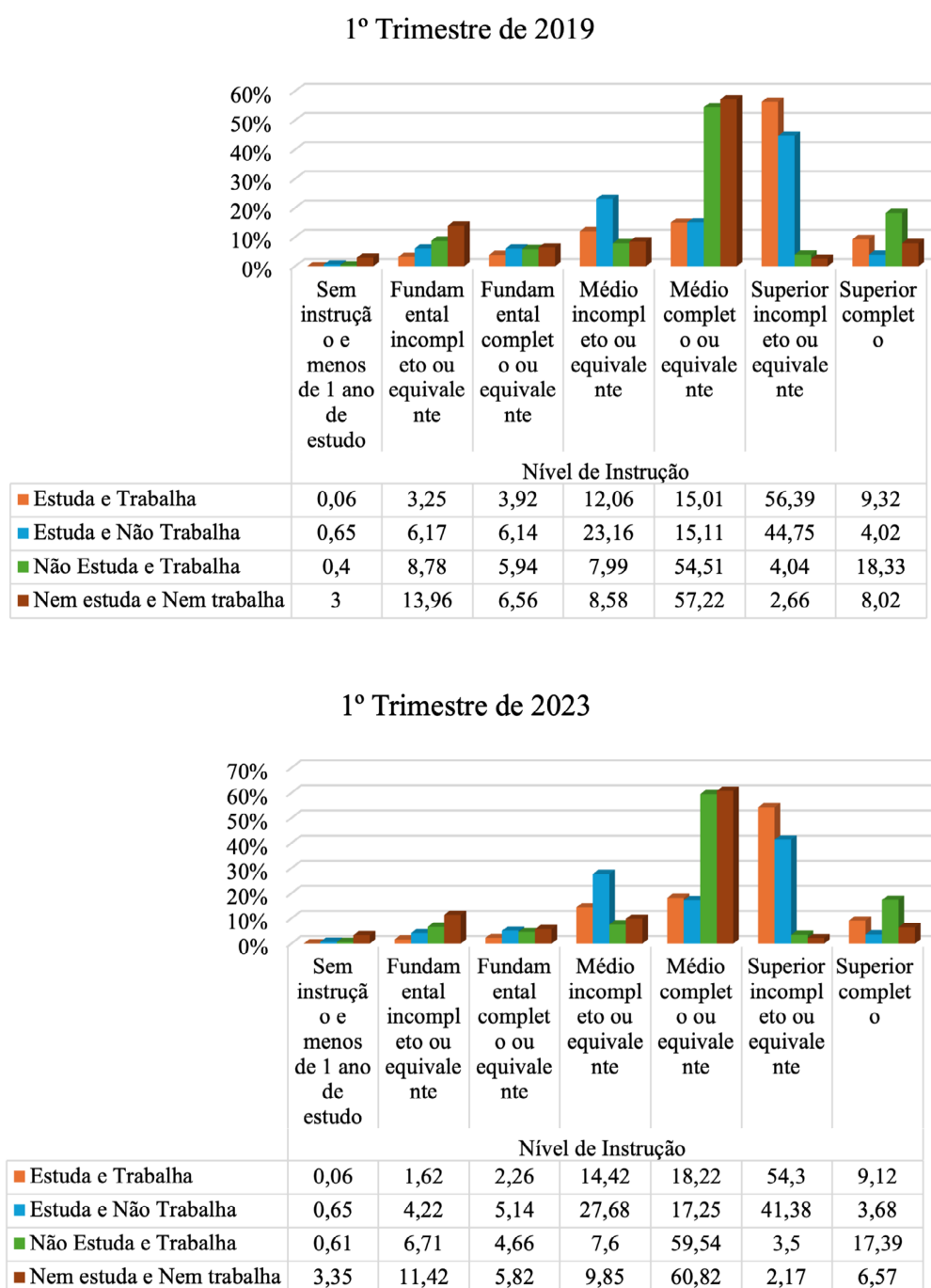
Ao analisar a Figura 4, que trata da relação entre a decisão de Estudar e/ou Trabalhar e o Nível de Escolaridade dos jovens de 18 a 29 anos de idade no Brasil, durante o primeiro trimestre de 2019 e 2023, é possível observar um movimento que pode refletir a relação entre educação e mercado de trabalho nesta faixa etária. Ao considerar a primeira categoria da decisão entre Estudar e/ou Trabalhar, ou seja, “Trabalha e Estuda”, os resultados da combinação com a escolaridade indicam que jovens com níveis de instrução mais elevados apresentam maiores valores. No primeiro trimestre de 2019, mais da metade dos jovens localizados nessa categoria, cursavam ensino superior, com 56,39% entre aqueles com “Superior Incompleto e Equivalente”, enquanto 9,12% possuíam o “Ensino Superior Completo”. Isso pode evidenciar que os jovens estão buscando se aperfeiçoar por meio da educação formal ao passo que conciliam com o trabalho (ANNEGUES; SOUZA, 2020; ARNETT, 2023).

De modo geral, a educação formal opera como um elemento central na estratégia de inserção profissional dos jovens, ainda que sua conclusão não seja imediata. A predominância de estudantes de ensino superior incompleto na categoria “Trabalha e Estuda”, pode refletir um

contexto socioeconômico em que a entrada precoce no mercado de trabalho é necessária para financiar os estudos ou garantir estabilidade financeira.

Ainda na categoria “Trabalhar e Estudar”, houve um aumento na proporção de jovens com “Ensino Médio Completo ou Equivalente” indo de 15,01%, em 2019, para 18,22%, em 2023. Esse fenômeno pode indicar que mais jovens estão concluindo o ensino médio, o que, por sua vez, está relacionado com a contribuição para melhores oportunidades no Mercado de Trabalho, ainda que ao mesmo tempo dão continuidade aos seus estudos (AYALA; GARCÍA; PONTE, 2016).

FIGURA 4- DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS EM RELAÇÃO AO NÍVEL DE INSTRUÇÃO – BRASIL – 1º TRIMESTRE DE 2019 E 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Entre os jovens que “Estudam e Não Trabalham”, ainda aqueles que optam por dedicar-se exclusivamente a seus estudos, grande parte se encontrava com níveis mais altos de educação. Em 2019, 44,75% se localizavam no “Ensino Superior Incompleto” e 15,11% já detinham o “Médio Completo”. No período seguinte, essas variáveis apresentaram uma breve contração em seus percentuais, respectivamente, para 41,38% e 17,25%. Dessa forma, aponta-se a preferência desses jovens em dar continuidade a seus estudos antes de ingressarem no mercado de trabalho. Anegues & Souza (2020) argumentam que as possíveis causas de postergação dos jovens para ingressarem no mercado de trabalho recaem sempre sobre o excesso de escolaridade exigida no Brasil. O que de forma inconsciente pode acarretar a frustração destes ao assumirem um posto de trabalho, o qual pode não cumprir as expectativas do indivíduo.

Ao analisar a categoria dos que “Estudam e Não trabalham”, percebe-se um aumento dos jovens que possuíam o ensino “Médio Incompleto”, passando de 23,16%, em 2019, para 27,68%, em 2023. O que por sua vez indica um possível reflexo das dificuldades e barreiras socioeconômicas enfrentadas por parte destes jovens para concluir o ensino médio e avançar para séries mais altas (CORSEUIL; SANTOS; FOGUEL, 2001).

Entre os jovens que estavam empregados, mas não estudavam, grande parte possuía ensino “Médio Completo ou Equivalente”. Em 2019, 54,51% destes jovens tinham ensino médio completo, percentual que subiu para 59,54% em 2023. O resultado mostra que, apesar de parte dos jovens deixarem a educação formal de lado, eles atingiram um nível educacional aceitável, facilitando sua entrada no mercado de trabalho (MOURA; BENACHIO, 2021). Alternativamente, reflete o que muitos deles acreditam, que o ensino médio é o suficiente para garantir estabilidade financeira. O que implica na queda do número de jovens com menores níveis de educação, ficando evidente pelo percentual de jovens com ensino fundamental completo ou incompleto, que caiu entre os períodos, passando de 8,78% e 5,94% em 2019 para 6,71% e 4,66% respectivamente, em 2023. Conforme argumentado por Cássio (2023), o que corporifica a exigência de mão de obra qualificada com pelo menos o ensino médio finalizado.

Em análise dos jovens que “Nem Estudam e Nem Trabalham”, ou ainda os chamados nem-nem, apresentaram uma realidade preocupante em que a maioria dos jovens enquadrados na categoria tinha o Ensino Médio Completo, com percentual aumentando de 57,22%, em 2019, para 60,82%, em 2023. O que pode indicar que, apesar de muitos jovens terem alcançado o Ensino Médio, isso não garantiu sua perpetuação ou transição para o Ensino Superior, ou ainda sua inserção por meio de um posto de trabalho (CÁSSIO, 2023). Ressalta-se ainda o aumento dos jovens na categoria nem-nem que se declaravam “Sem instrução ou com menos de um ano de estudo”.

No Brasil, a discrepância dos recortes de renda é gigantesca entre domicílios dentro de uma mesma região. Desse modo, ao se tratar de uma parcela da população que diz respeito aos jovens, em destaque aqueles que não são chefes de domicílios, pode-se chegar à resolução de que muitos desses, pertencentes às famílias com baixos rendimentos, não terão uma entrada adequada no Mercado de Trabalho (SILVA; VAZ, 2020).

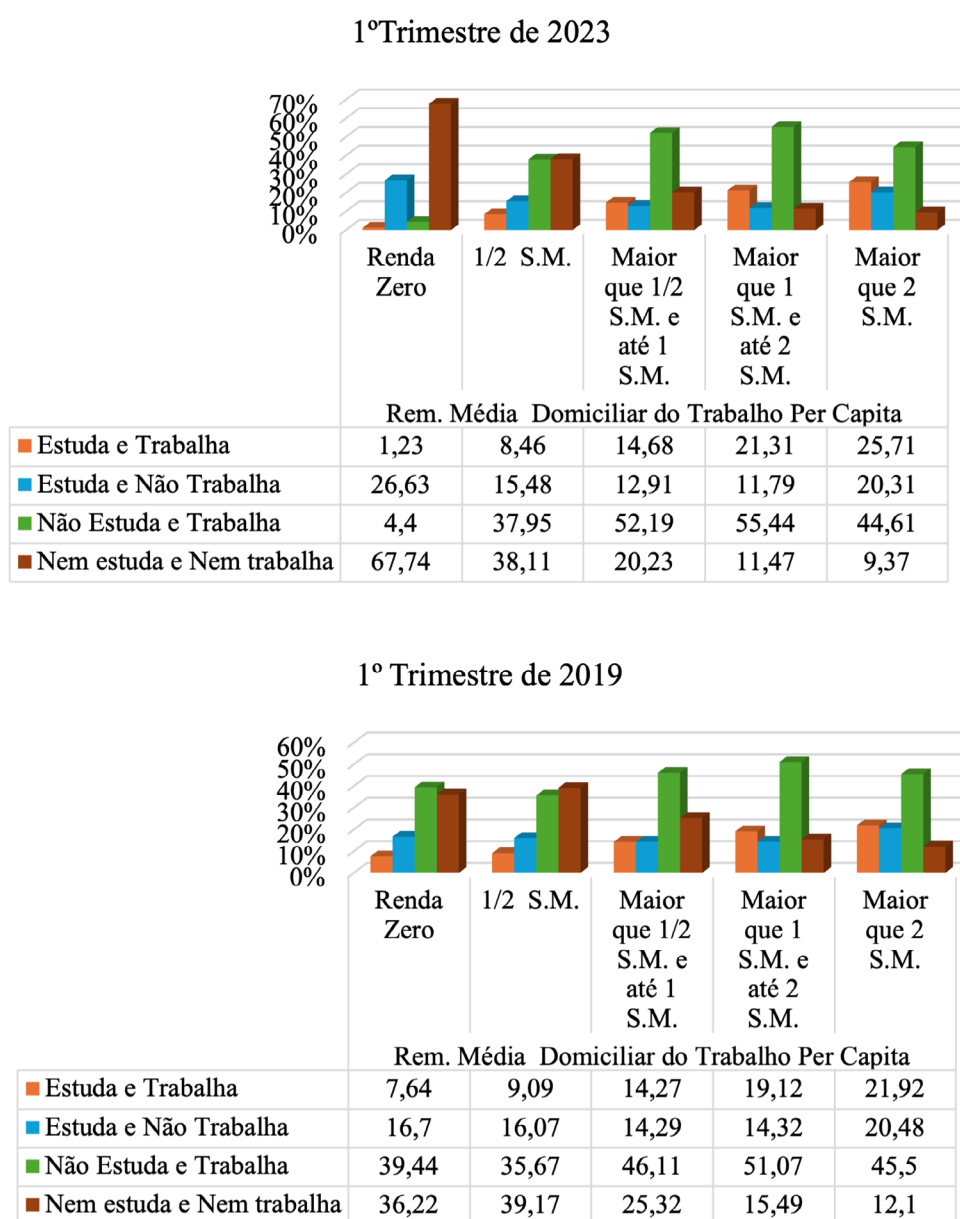
Por fim, ao analisar os dados fornecidos na Figura 5, pode-se observar que no primeiro trimestre de 2019, portanto, pré-pandemia, o grupo dos jovens localizados na categoria nem-nem representava cerca de 36,22%, em famílias com rendimento médio domiciliar *per capita* nulo⁵, ou ainda eram provenientes de domicílios cujos rendimentos não eram obtidos por meio

⁵ Para fins desta análise, considerou-se como indivíduos que recebem “renda zero” aqueles que desenvolviam atividade laborativa como auxiliar junto à sua família, na construção para o próprio uso ou na produção para o próprio consumo. Essa delimitação visa isolar a dinâmica da participação no mercado de trabalho, destacando casos em que a ausência de remuneração laboral pode refletir inserção precária.

do trabalho principal. Ainda sob a ótica dos rendimentos advindos do trabalho, destacam-se aqueles que não estudavam e trabalhavam, apresentando uma alta concentração nestas famílias.

No primeiro trimestre de 2023, observa-se um agravamento no número de jovens nem-nem alocados em famílias sem renda do trabalho, os quais apontaram a uma taxa de 67,74%. Schwartzman e Cossío (2007) corroboram na tentativa de compreender esse fenômeno, indicando que jovens nem-nem localizados em famílias com baixos rendimentos do trabalho, atribuem-se a fatores que se respaldam em ciclos intergeracionais de pobreza, que, em momentos de grandes quebras estruturais, podem ser intensificados.

FIGURA 5 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS JOVENS EM RELAÇÃO À RENDA MÉDIA DOMICILIAR DO TRABALHO *PER CAPITA* – BRASIL – 1º TRIMESTRE DE 2019 E 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Importa notar que o comportamento dos dados da categoria oposta para o primeiro trimestre de 2019, ou seja, os jovens que estudavam e trabalhavam, apresentaram taxas relativamente baixas, justamente em intervalos de renda até um salário-mínimo. Contudo, seus valores passam a mostrar maior participação desses jovens em famílias que detinham rendimentos médios domiciliares *per capita* maiores que o salário-mínimo vigente no período.

As suas médias se concentraram em 19,12%, para a faixa de rendimentos maiores que um e até dois salários-mínimos, e 21,92% para aqueles com renda média domiciliar *per capita* superior a dois salários. Isso se deve principalmente ao próprio padrão de vida, ou ainda ao *status* social de sua família, que, em muitas das vezes, algumas dessas, por sua vez, possuem estabelecimentos comerciais, inserindo seus filhos no negócio para o perpetuarem, ou ainda, devido às relações interpessoais de seus pais, conseguem inseri-los em algum posto de trabalho consolidado (GOMES, 2021). Nesse mesmo movimento, observa-se que, para o período de 2019, os jovens que somente estudavam apresentaram evoluções positivas ao longo dos intervalos de renda, ou seja, os jovens com maiores rendas *per capita* dedicaram-se exclusivamente aos estudos.

Em suma, os filhos das famílias de classes mais baixas, ao não conseguirem vislumbrar a promoção ou mudança de *status* dos seus pais por meio do trabalho, acabam por abandonar ou postergar a sua entrada no mercado de trabalho. O mesmo fato tende a acontecer na questão dos estudos, ao perceberem dificuldades em retornos baseados em sua escolaridade. Com isso, enfatiza-se que, durante esse período, a posição social que as famílias desses jovens ocupavam, somada às consequências da pandemia, amplificaram os efeitos negativos da pobreza para aqueles – filhos – de famílias com baixa renda oriunda do trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o perfil de jovens brasileiros de 18 a 29 anos não chefes de família nos anos de 2019 e 2023 mediante a escolha entre trabalhar e estudar, e suas possíveis combinações. Além de demonstrar como forças sociais e econômicas se manifestavam na realidade dos domicílios que compreenderam o universo aqui analisada, e de que forma atuavam como determinantes na formação do contingente daqueles que nem estudavam e nem trabalhavam, os chamados nem-nem. Dada esta formulação, indicou-se a diferenciação desta pesquisa.

A abordagem científica frente ao cenário do Mercado de Trabalho do jovem brasileiro é focalizada em aspectos mais gerais, não delimitando intervalos de idade que os distinguem nas diferentes fases da juventude, bem como a sua posição dentro de seu lar. Em face disso, a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio (PNDC) torna-se uma preciosa ferramenta na construção de indicadores e medidas de captação da realidade socioeconômica dos jovens brasileiros, aqui em evidência.

Assim, este trabalho encerra-se com o apontamento das seguintes conclusões: evidenciou-se os anos 2019 e 2023, que compreenderam os limites do período de pandemia de Covid-19, podendo assim capturar os efeitos socioeconômicos das variáveis aqui consolidadas na categoria de jovens que não estudavam e não trabalhavam. Observou-se, alterações evidentes no perfil de jovens que “só estudavam” e residiam apenas com o responsável. Ademais, um efeito mencionado em estudos que tratam da diferenciação por raça manteve-se presente aqui, o qual apresentou impactos negativos na combinação entre trabalho e estudo, ou seja, maiores probabilidades de jovens pretos e pardos se encontrarem entre os nem-nem.

Ao evidenciar o âmbito das regiões do Brasil, é nítida a persistência das desigualdades entre elas. Os jovens do Norte e Nordeste apresentam menores chances de só estarem trabalhando. Isso pode refletir as desigualdades estruturais e históricas que se consolidaram desde sua formação, indicando a necessidade de análise sob critérios mais robustos e particulares para estas regiões.

A análise dos dados no período delimitado, com ênfase no ano de 2023, revela um cenário marcado por recuperação pós-crise e transformações estruturais no Mercado de Trabalho, além de grandes mudanças no perfil socioeconômico da juventude brasileira. A análise evidencia que as vulnerabilidades vinculadas ao ambiente doméstico persistem ao longo do ciclo juvenil – iniciando-se na adolescência e estendendo-se além dos 25 anos –, configurando-se como um desafio estrutural. Nesse sentido, a desagregação das relações entre fatores laborais e socioeconômicos torna-se imperativa para a construção de intervenções públicas precisas e aptas a desconstruir padrões históricos.

REFERÊNCIAS

AINA, Carmen; BRUNETTI, Irene; MUSSIDA, Chiara; SCICCHITANO, Sergio. *Even more discouraged? The NEET generation at the age of COVID-19*. **GLO Discussion Paper**, n. 863. Essen: Global Labor Organization (GLO), 2021. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/235028/1>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ALMEIDA, Ana Nunes. O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate. **Análise Social**, Lisboa, vol. 40, n. 176, p. 579-593, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41012166>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ALMEIDA, Jéssica Brenner Soares A.; FIGUEIREDO, Adriano Marques R. POPULAÇÃO NEM-NEM: uma análise a partir dos dados da PNAD 2012. **Revista de Estudos Sociais**, [s.l.], v. 19, n. 38, p. 106–129, 2024. DOI: 10.19093/res4942. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/4942>. Acesso em: 8 jan. 2025.

ANNEGUES, Ana Cláudia; SOUZA, Wallace Patrick Santos de Farias. Retorno salarial do Overeducation: viés de seleção ou penalização ao excesso de escolaridade?. **Revista Brasileira de Economia**, [s.l.], v. 74, p. 119-138, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/wcyBJywjNxtCxQ4BB8bTtMF/?stop=previous&format=html&lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2024.

ARNETT, Jeffrey Jensen. Conceptions of the transition to adulthood among emerging adults in American ethnic groups. **New directions for child and adolescent development**, Washington, v. 2003, n. 100, p. 63-76, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cd.75>. Acesso em: 28 dez. 2024.

ARNETT, Jeffrey Jensen. **Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties**. Oxford University Press, 2023. *E-book*.

AUGUSTO, Cristiane Brandão; DOS SANTOS, Rogerio Dultra. **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020. *E-book*.

AYALA, Isabel; GARCÍA, Gustavo; PONTE, Juan. Realidades, percepciones y expectativas en torno a la emancipación juvenil de egresados universitarios. Caso: egresados de la Universidad Católica Andrés Bello en el año 2013. **Revista sobre Relaciones Industriales y Laborales**, [s.l.], n. 52, 2017.

CABRAL, Umberlândia. Norte e Nordeste puxam desocupação recorde no primeiro trimestre no país. IBGE – Agência de Notícias, Estatísticas Sociais, 27 maio 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

CARVALHO, Ana Luiza Gordiano. ENDIVIDAMENTO, MERCADO DE CRÉDITO E COVID-19: INFLUÊNCIAS DA POLÍTICA NACIONAL NA MICROECONOMIA FAMILIAR. **Epitaya E-books**, [S. l.], v. 1, n. 52, p. 45-62, 2023. DOI: 10.47879/ed.ep.2023915p45. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/865>. Acesso em: 22 out. 2024.

CARVALHO, Sandro Sacchet de; CAVALCANTI, Marco Antônio F. de H.; LAMEIRAS, Maria Andreia Parente; RAMOS, Lauro. **ANÁLISE DAS TRANSIÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NO PERÍODO DA COVID-19**. In: SILVA, Sandro Pereira; CORSEUIL, Carlos Henrique; COSTA, Joana Simões (org.). **Impactos Da Pandemia De Covid-19 No Mercado De Trabalho E Na Distribuição De Renda No Brasil**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2022. ISBN 978-65-5635-042-4. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-042-4/capitulo3>.

CÁSSIO, Fernando. O ‘Novo’ Ensino Médio é muito pior que o anterior. **Carta capital**, [s.l.], v. 13, n. 02, 2023.

CASTRO, Bruna Naiara de; STADUTO, Jefferson Andronio Raimundo; KRETER, Ana Cecília de Medeiros Nitzsche. Diferenças salariais por ocupações entre homens e mulheres no Brasil. **Gestão & Regionalidade**, v. 38, n. 114, 2022.

CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo Leandro. O efeito das oportunidades no mercado de trabalho sobre as taxas de homicídios no Brasil. **Anais do Encontro Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. Florianópolis (SC)**, p. 942-697, 2015.

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude. **Pesquisa Juventude e a Pandemia do Coronavírus**. Junho/2020. Disponível em: <https://www.juventudeseapandemia.com/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

CORSEUIL, Carlos Henrique; SANTOS, Daniel Domingues; FOGUEL, Miguel Nathan. **Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina**. Texto para discussão, Rio de Janeiro, 2001. Disponível: <https://www.econstor.eu/handle/10419/295098>. Acesso em: 10 jan. 2024.

DETOGNI, Letícia Cristina. ;**BEZERRA, Fernanda Mendes**. DECOMPOSIÇÃO DA DESIGUALDADE SALARIAL ENTRE HOMENS E MULHERES DO SETOR DE SERVIÇOS NO BRASIL. **INFORME GEPEC (ONLINE)**, v. 29, p. 33-55, 2025. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/34003> Acesso em 21 jul. 2025

DIAS, Thyena Karen Magalhães; NUNES, Erivelton de Souza; COSTA, Edward Martins; ARAUJO, Jair Andrade de. Desemprego severo entre os jovens brasileiros. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, v. 66, p. 10-31, abr./jun. 2023. Disponível em: Repositório Institucional UFC: Desemprego severo entre os jovens brasileiros. Acesso em: 25 set. 2024.

DIERDORFF, Erich C.; MORGESON, Frederick P. Consensus in work role requirements: the influence of discrete occupational context on role expectations. **Journal of Applied Psychology**, USA, v. 92, n. 5, p. 1228, 2007. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-12832-004>. Acesso em: 05 mar. 2024.

DINIZ BENSJA DEI SCHIRO, Eva et al. Características familiares y apoyo percibido entre adolescentes brasileños con y sin experiencia de embarazo. **Avances en psicología**

latinoamericana, v. 30, n. 1, p. 65-80, 2012. Disponível em: Características familiares e apoio percebido entre adolescentes brasileiras com e sem experiência gestacional. Acesso em: 14 jul. 2025.

ELDER, Sara; KRING, Sriani. *Young and female – a double strike? Gender analysis of school-to-work transition surveys in 32 developing economies*. Geneva: International Labour Office, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12799/3819>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FARO, Kelly Cardoso; FERRARINI, A. Emprego juvenil nas grandes regiões brasileiras: comparativo da Reforma Trabalhista (2017) com base nos microdados trimestrais da PNAD. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ABET: CRISES E HORIZONTES DO TRABALHO A PARTIR DA PERIFERIA**, 2021. Anais [...]. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/abet_trabalho2021. Acesso em: 15 dez. 2024.

FREITAS, Thiago de Araújo. **Ensaio sobre o impacto da pandemia no mercado de trabalho: uma análise dos fatores que afetaram a jornada de trabalho**. 2024. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Economia, Fortaleza, 2024.

GONZALEZ, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de; ANDRADE, Carla Coelho de (orgs.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009. 303 p. ISBN 978-85-7811-039-0.

GOMES, Magno Rogerio. **TRANSMISSÕES INTERGERACIONAIS DAS OCUPAÇÕES E DA EDUCAÇÃO: DA “ARMADILHA DA POBREZA” AO “CICLO VIRTUOSO DA RIQUEZA”**. 2021. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá 2021.

HOFFMANN, Rodolfo. **Estatística para economistas**. . São Paulo: Cengage Learning, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Coordenação de População e Indicadores Sociais - Rio de Janeiro: IBGE. 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca_catalogo?view=detalhes&id=2101972.

ILO (International Labour Organization). **X Global Employment Trends for Youth 2022 Investing in transforming futures for young people**. 2022. Geneva: ILO. Disponível em: *Global Employment Trends for Youth 2022 - Investing in transforming futures for young people - World | ReliefWeb*. Acesso em: 03 abr. 2024.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva Consequências da reforma trabalhista. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 77 104, 2018.

LANZARA, Arnaldo Provasi. Trabalho E Proteção Social Na Era Da Economia Digital. **Caderno CRH**, [s.l.], v. 36, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v36i0.36205>. Acesso em: 20 jan. 2025.

LEVY, Paulo Mansur. Seção 1. Economia Mundial. **Carta de Conjuntura**. Brasília: Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), [s.v.], n. 47, 13 p., 2020. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/conjuntura/200430_cc47_economia_mundial. Acesso em: 10 ago. 2024.

LIMA, Jacob Carlos. A Nova Informalidade. In: IVO, Anete Brito Leal. (coord.). **Dicionário temático Desenvolvimento e Questão Social: 81 problemáticas contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2013. p. 330-336.

MADEIRA, Felícia Reicher. Educação e desigualdade no tempo de juventude. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, p. 139-170, 2006. In: CAMARANO, Ana Amélia. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2006.

MATTEI, Lauro; HEINEN, Vicente Loeblein. Balanço dos impactos da crise da COVID-19 sobre o mercado de trabalho brasileiro em 2020. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 1, p. 43-61, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/qBZvCv4JnysDcgcCndLPFTw/>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MARCONDES, Glaucia. Arranjos domiciliares multigeracionais: perfil e aportes em domicílios compostos por avós e netos. **An VII Cong. la Asoc. Latinoam Población e XX Encontro Nac Estud Popul**, Foz do Iguaçu, [s.v.], n. 0, p. 1-16, 2017.

MARTINS, Leonardo Rauta. Juventude rural no Brasil: referências para debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 94-112, 2021.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Jovens e mercado de trabalho. **GV-EXECUTIVO**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 47-49, 2011.

MOURA, Dante Henrique; BENACHIO, Elizeu Costacurta. Reforma do ensino médio: subordinação da formação da classe trabalhadora ao mercado de trabalho periférico. **Trabalho Necessário**, Niterói, v. 19, n. 39, p. 163-187, mai/ago. 2021. <https://doi.org/10.22409/tn.v19i39.47479>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/47479/29251>. Acesso em: 05 dez. 2024.

MOREIRA, Edna; LEÃO, Geraldo. MODOS DE SER E VIVER A CONDIÇÃO JUVENIL ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NO CAMPO. **Educação em Revista**, v. 40, p. e46934, 2024. NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, p. 15-22, 2010.

NUNES, Elvira Maria Alves; ALMEIDA, Wesley Marcos. **Estatística Aplicada Usando Excel**. Maringá: EDUEM, 2016.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas**. Texto para Discussão, 2021.

PASSOS, Luana; MACHADO, Danielle Carusi. Diferenciais salariais de gênero no Brasil: comparando os setores público e privado. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 26, p. e222607, 2022.

PAULINO, Daniele de Souza; DUTRA-THOMÉ, Luciana; BENDASSOLLI, Pedro F. Adulterez e o fenômeno nem-nem: gênero, educação e mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 1-15, 2021.

PEREIRA, Antonia Jaine da Silva; QUEIROZ, Silvana Nunes de. GERAÇÃO QUE NEM ESTUDA NEM TRABALHA NO NORDESTE BRASILEIRO. **Revista Econômica do Nordeste**, [S. l.], v. 54, n. 1, p. 67-86, 2023. DOI: 10.61673/ren.2023.1361. Disponível em: <https://bnb.gov.br/revista/ren/article/view/1361>. Acesso em: 19 dez. 2024.

PINHEIRO, Laécio de Oliveira. **Insegurança alimentar: uma análise para o nordeste brasileiro**. 2022. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2022.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; VAZ, Fábio Monteiro. Os Jovens que não trabalham e não estudam no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. In: IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. – v. 1, n. 70, **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**. Brasília: IPEA, set. 2020. p. 105-121

SILVEIRA, Leonardo Souza; SIQUEIRA, Natália Leão. Segregação ocupacional e diferenciais de renda por gênero e raça no Brasil: uma análise de grupos etários. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s.l.], v. 38, p. e0151, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/9ZbQKBWxQ3BwHbg6KNYCb3y/?lang=pt>. Acesso em: 03 mai. 2024.

SOUZA, Diego de Oliveira. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, p. e00311143, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb/?format=html>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SOUZA, Marina Batista Chaves Azevedo de; LUSI, Isabela Aparecida de Oliveira. Juventude, trabalho informal e saúde mental. *Política & Trabalho*, João Pessoa, v. 51, p. 126-144, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.0v51n0.48293.

SUIRON, Rafaela Semíramis. **Juventude e precarização do trabalho no Brasil: trabalho e vida do jovem comer ciário de uma loja de departamento na região metropolitana de São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.

SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. **The American economic review**, v. 51, n. 1, p. 1-17, 1961.

SCHWARTZMAN, Simon; COSSÍO, Mauricio Blanco. Juventude, educação e emprego no Brasil. **Cadernos Adenauer-Geração Futuro**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 51-65, 2007.

VIEIRA, Maria Manuel. Incerteza e individuação: escolarização como processo de construção biográfica. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, [s.l.], v. 20, 2017. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2288>. Acesso em: 25 nov. 2024.

WICKERT, Luciana Fim. Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 26, p. 258-269, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/CH8r9g9P8y7Rq5bWMB9gxv/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Recebido em: 20/02/25

Aceito para a publicação em: 08/07/25